

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista do Nordeste Class.: Narcóticos

Data: 22/03/92 Pg.: 66

PAPOULA MODIFICA CULTURA INDÍGENA DA COLÔMBIA

Colombia - DN - Os lucros obtidos com o cultivo da papoula modificaram em tempo recorde o modo de vida das populações indígenas da Colombia, com o risco de fazê-las perder a própria identidade e as tradições inerentes à cultura, 500 anos após a conquista espanhola.

Tudo começa num dia de feira em Silvia, capital indígena do Departamento do Cauca, 600 km a sudoeste de Bogotá. Na grande praça, os índios guambianos com suas roupas tradicionais - uma espécie de saia azul até o tornozelo, poncho negro e chapéu macio, muito pequeno, passam de uma barraca a outra, examinam, pechincham, compram.

Mais adiante, um jovem guambiano, atrapalhado com a "saia", senta-se com dificuldade sobre uma moto acompanhado pelo olhar inquieto de um vendedor que repete: "Cuidado, o motor é muito potente". Arqueado sobre o guidom, ousando apenas tocar na embreagem, o guambiano percorre alguns metros. Tudo recomeça. O jovem índio não tira os olhos desse cavalo de aço, que será preciso domar. Vale um milhão de pesos (1.600 dólares). Uma fortuna? Não, uma bagatela. O jovem guambiano cultiva a papoula. Os traficantes de heroína lhe compram o ópio e, em alguns meses, se tornará muito rico.

Em Silvia, os "lucros" da papoula saltam aos olhos. As motos, os carros tornam-se mais e mais comuns. Nos telhados das casas, as antenas de televisão se multiplicam no mesmo ritmo

que as papoulas nos quintais dos guambianos.

"A papoula é dez vezes mais rentável que qualquer outra plantação", reconhece Jesus Maria Aranda, 33 anos, "governador" (chefe) dos 23.000 guambianos da região. "Mas é um verdadeiro desastre", acrescenta. "A papoula acarreta a desordem social, os índios se tornam individualistas, esquecem as tradições comunitárias. As crianças não vão mais à escola, passam todo o tempo a recolher a substância para preparo do ópio. O alcoolismo faz destruições, o número de suicídios aumenta".

A papoula semeia a discórdia entre os guambianos. Nos muros das cidades, são rabiscadas ameaças contra os espíes que denunciavam os cultivadores da planta à polícia. "Nos tentamos convencer nossos irmãos a abandonar a cultura da flor maldita. Mas nada temos a propor, em troca", declara Jesus Maria Aranda. Para muitos, não há escolha: a papoula ou a miséria.

No departamento do Cauca, segundo os números oficiais, os índios guambianos e paeces semearam mais de 2.500 hectares de papoula. Cada hectare pode produzir 4 kg de ópio a 1,6 milhão de pesos (2.500 dólares) o quilo. "O Governo não nos ajuda e mantém uma política unicamente repressiva", prossegue Jesus Maria Aranda. Para evitar a proliferação das flores, a polícia deram um produto químico sobre as plantações. Com isto, um milhão de hectares já foram destruídos.

"A repressão não basta", afirma por sua vez Jesus Avirama, um dos responsáveis pelo CRIC (Centro Regional dos Índios do Cauca). "A utilização maciça do produto químico de nada resolve. O Governo deve definir um programa coerente de substituição de culturas, conceder subvenções, empréstimos. Se não, os índios não mais abandonarão o cultivo da papoula", acrescenta Jesus Avirama.